

# A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,  
Nas folhas trago a peçonha  
Capaz de tornar vermelha  
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, Rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptório da typographia imparcial de Brito, impressor e editor deste jornal.

## O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de  
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en  
• vain que les vieilles aristocraties multi-  
• plieront leurs efforts pour s'opposer que  
• la régénération moderne s'accomplisse!

*Napoleão em St. Helena.*

Terminando no n. 2 desta folha o nosso artigo — *Regresso*, — promettemos aos nossos leitores que, voltando á esta questão, trataríamos da moção do Sr. Lopes Gama.

A luta entre a indolência, e a industria, entre a altivez e a modestia, entre o privilegio e a igualdade, tem produzido em todo o mundo civilizado essa agitação mais ou menos violenta, que se tem observado entre os que se interessam na conservação dos foros e dos privilegios; e os que querem a abolição destes, estabelecendo a igualdade. Dessa luta tem resultado o aniquillamento de milhões de homens, a queda de muitos Reis, e o martyrio de alguns, em quem (sem o merecerem) cevou-se a ira dos opprimidos, que saciou-se em innocentes victimas a cêde da vingança, que pretendiam tomar das offensas recebidas. Depois d'essa lucta ensanguentada, em que todos perdêram, procurou-se harmonisar os interesses communs, deixando-se á cada hum o que foi possível

deixar. He d'essa especie de pacto, que se tem buscado tirar a norma das sociedades modernas. Mas, oh fatalidade! Os homens vêem sempre mal os seus interesses! Nenhum tem querido parar na raia, que se lhe tem marcado! e esta cegueira tem sido causa d'essa agitação, que se vai observando por toda a parte, onde a liberdade está em luta com a escravidão. O ciúme da democracia, e o orgulho da aristocracia, não deixam os seus amantes encarar com serenidade o posto, que occupam huns e outros. Se o merito eleva o filho do çapateiro á cadeira Senatoria; o filho do nobre, á quem igual talento collocou na mesma posição exclama! *Posso eu ufanar-me de achar-me aqui á par do filho do meo çapateiro.*

Si o distincto talento do nobre o colloca na administração, no conselho do Principe, grita o democrata: Ainda os nobres nos impõem a lei, ainda nos representam como huma manada de bestas; ainda não estão fartos de nos ter regido, como seus escravos... he preciso dar cabo destes infames, que não respeitam no homem senão a casualidade do nascimento, para quem o merito significa cousa alguma!

No fundo, nem todos os homens, que nascem na humildade detestam os que nascem em posições elevadas; nem todos



os que nascem nestas, repellem os que vem das humildes. Porém, como o bom senso não he tão commum, como se crê, resulta necessariamente da indiscricção de todos esse gemitos de discordia, que divide as sociedades modernas, e principalmente aquelles onde ha Srs. e escravos, por quanto esse ciúme não encontra ali nenhum limite. Do ciúme pois e do receio, que tem huns dos outros, os grupos compostos dos individuos, que temos figurado, nasce essa terrível lucta, que existe e existirá nos governos monarchico-constitucionaes entre a aristocracia e a democracia: estas duas especies de metal, se assim nos podemos exprimir, formam bem hum *amalgama*, mas não hum *liga*.

Se a *liga* não he possível, convirá que os chymicos prudentes manejem com arte esse melindroso *amalgama*, para que elle se não desfça, separando assim hum do outro metal.

Desde por tanto que se proclamou entre nós a liberdade, e que se formou entre ella e a aristocracia esse *amalgama*, que nos tem ligado até a epoca da proclamação do *Regresso*: hum respeito religioso á constituição do Estado chamou todos os Brasileiros á hum centro de união. A proclamação do *Regresso*, que podia ter sido seguida da de *Republica*, não tem feito mais do que despertar os bons patriotas, os que não vivem do sangue da patria, como animaes de presa, e obrigar-os á bradar:—A' lerta, Brasileiros, uni-vos em torno da constituição e do Monarchia, e afastae os *Regressistas*, e os Aristocratas, que não são filhos d'ella! A' lerta!... senão para evitar o desvario de huns; sereis obrigados para salvar a patria, á commetter outro desvario ainda maior! e se vos obrigarem á tanto, dizei: *Malo periculosam libertatem quam quietum servitium!!...*

A liberdade he o fim de toda associação humana; sobre ella appoia-se a moral publica e privada; sobre ella

repousam os calculos da industria; sem ella não ha para os homens nem paz, nem dignidade, nem felicidade. O *arbitrio* destroe a moral, por quanto não ha moral sem segurança; não ha doces affeições, sem certeza, de que os objectos d'essas affeições repousam ao abrigo de sua innocencia. Quando o *arbitrio* fere sem scrupulo os homens, que lhe são suspeitos; não he sómente hum individuo, que elle persegue, he a nação inteira, que elle indigna primeiro, e que degrada depois. Os homens tendem sempre á tirar-se da dôr, quando o que elles amam está ameaçado, ou elles se afastam, ou o defendem. Os costumes, diz Paw, se corrompem subitamente nas cidades accommettidas da peste; morrendo, roubam-se huns aos outros. O *arbitrio* he para a moral o que a peste he para o physico. Elle he o inimigo dos laços domesticos; por quanto a sancção destes laços he a fundada esperanza de viver juntos, de viver livres no asilo, que a justiça garante aos cidadãos. O *arbitrio* força o filho á ver opprimir seo pae sem o defender; a esposa á supportar em silencio a detenção de seo marido; os amigos e os proximos, á negar as affeições mais sanctas. O *arbitrio* he o inimigo de todas as transacções, que fundam a prosperidade dos povos; elle abala o credito, aniquilla o commercio, e fere todas as seguranças. Quando hum individuo, sem ter sido reconhecido culpado, soffre; tudo, que não he desprovido de intelligencia, se crê ameaçado, e com razão: por quanto, distrahida a garantia, todas as transacções se resentem da sua falta, a terra treme, e não se marcha, senão com temor.

Quando se tolera o *arbitrio*, elle dissemina-se de maneira, que o cidadão o menos conhecido pode de repente encontrar-o armado contra si. Não basta retirar-se para o canto e deixar fugir os outros... Mil laços nos unem aos nossos semelhantes, e o mais inquieto egoismo



não chega á quebral-os todos. Não vos creaes invulneraveis em vossa voluntaria obscuridade!... Vós tendes hum filho, a mocidade o arrastra; hum irmão, menos prudente, que vós, murmura; hum antigo inimigo, que vós feristes em outro tempo, soube ganhar alguma influencia... que fareis vós então? Depois de ter com amargura despresado toda reclamação, regeitado toda queixa, vos queixareis vós por vossa vez? Vós sois anticipadamente condemnados, e por vossa propria consciencia, e por esta oppinião publica aviltada, que vós mesmo tendes contribuido para formar. Cedereis vós sem resistencia? Mas permittir-se-vos-ha ceder? Não se apantará, não se perseguirá hum objecto impertuno, monumento de huma injustiça? Vós tendes visto alguns opprimidos; vós os julgastes culpados, tendes pois aberto o caminho, por onde passareis por vosso turno. O *arbitrio* he incompativel com a existencia de hum governo considerado debaixo da relação de sua instituição; por quanto instituições politicas não são senão contractos: a natureza dos contractos he de pôr limites fixos; o *arbitrio*, sendo precisamente o opposto do que constitue hum contracto, cercêa por sua base toda instituição politica. O *arbitrio* he perigoso para hum governo considerado debaixo da relação de sua acção; por quanto, bem que precipitando sua marcha, elle lhe dá algumas vezes o ar da força, tira sempre contudo, á sua acção, a regularidade e a duração.

Dizendo-se á hum povo: » *Vossas leis são insufficientes para governar,* » authorisa-se este povo á responder » *Si nossas leis são insufficientes, queremos outras,* » e com estas palavras, toda a authoridade legitima he posta em duvida; não resta mais que a força, porquanto seria preciso tambem contar muito com a parvoice dos homens, para lhes dizer; » Vós consentistes em se

nos pôr tal ou tal péa para nós assegurar tal protecção; nós vos tiramos esta protecção, porem vos deixamos a péa; vós supportareis, de hum lado, todos os entraves do estado social, e do outro vós sereis expostos á todos os azares do estado selvagem!...

O *arbitrio* não he de nenhum socorro á hum governo debaixo da relação de sua segurança. O que hum governo faz pela lei contra seus inimigos, seus inimigos não podem fazel o contra elle pela lei, porque ella he precisa e formal: porem o que elle faz contra seus inimigos pelo *arbitrio*, seus inimigos tambem pelo *arbitrio*, podem fazel-o contra elle; porque o *arbitrio* he vago e sem limites. Quando hum governo regular se permite o emprego do *arbitrio*, sacrifica o fim de sua existencia ás medidas, que elle toma para conservar a. Porque razão se quer que a authoridade reprima aquelles, que attacassem as nossas propriedades, a nossa liberdade ou a nossa vida, para que estes gosos nos sejam garantidos? Porem, se a nossa fortuna pode ser destruida, a nossa liberdade ameaçada, a nossa vida perturbada pelo *arbitrio*, que bens tiraremos nós da protecção da authoridade? Porque razão se quer que ella puna os que conspirassem contra a constituição do estado? porque se teme ver substituir hum poder oppressivo á huma organização legal? Mas, se a authoridade mesma exerce este poder oppressivo, que vantagens conserva ella? Huma vantagem de facto, durante algum tempo talvez. As medidas arbitrias de hum governo consolidado são sempre menos multiplicadas, que as das facções, que tem de estabelecer seo poder; porem esta mesma vantagem perde-se em razão do *arbitrio*. Seus meios, huma vez admittidos, acham-se de tal modo curtos, de tal modo commodos, que se não quer mais empregar outros. Apresentados primeiro, como hum recurso, extremo em circunstan-



cias infinitamente raras, o *arbitrio* torna-se a solução de todos os problemas, e a pratica de cada dia.

O que preserva do *arbitrio*, he a observancia das formas. As formas são as divindades tutelares das associações humanas; as formas são as unicas protectoras da innocencia, as unicas relações dos homens entre si. Tudo he obscuro de outra sorte; tudo he entregue à consciencia solitaria, á vascillante opinião. As formas sós estão em evidencia, he para ellas só, que o opprimido pode appellar.

Muitos não percebem no exercicio do *arbitrio*, senão huma novidade de policia; e como aparentemente elles esperam ser sempre os seus distribuidores, sem ser jamais os seus objectos, acham-a mui bem calculada para o repouso publico, e para a boa ordem; outros mais susceptiveis, não descobrem n'isso, senão huma vexação particular: porem o perigo he muito maior.

Dae aos depositarios da authoridade executiva o poder de attentar contra a liberdade individual, e vós anniquilais todas as garantias, que são a condição primaria, e o fim unico da reunião dos homens, debaixo do imperio das leis.

Em hum paiz, onde os ministros dispozessem, sem julgamento, das prisões, e dos desterros; em vão se pareceria, no interesse das luzes, conceder alguma latitude ou alguma seguridade á imprensa; se hum escriptor, aliás conformando-se com as leis, fosse de encontro ás opiniões, ou censurasse os actos das autoridades, não o prenderiam, mas seria exilado como hum individuo perigoso, sem assignalar-se a causa. Nada está ao abrigo do *arbitrio*, quando elle tem sido huma vez tolerado. Nenhuma instituição lhe escapa: elle as annulla todas e por sua base; engana a sociedade por formas, que elle torna impotentes. Todas as promessas tornam-se perjuros, todas as garantias silladas para os desgraçados, que n'ellas confiam.

Logo que se executa o *arbitrio*, ou se quer palliar seus perigos, raciocina-se sempre, como se os cidadãos não tivessem relações, senão com o depositario supremo da autoridade; porem elles as tem inevitaveis e mais directas com todos os agentes secundarios. Quando vós permittis o exilio, a prisão, ou qualquer vexação, que nenhuma lei autorisa, que nenhum julgamento tem precedido, não he sob o poder do Monarcha, que vós collocaes os cidadãos; não he mesmo sob o poder dos ministros, he sob a verga da autoridade a mais subalterna. Ella pode ferir-os por huma medida provisoria, e justificar esta medida por huma narração mentirosa: ella triumpho, pois que engana, e a faculdade de enganar-lhe he assegurada, por que, quanto mais o principe e os ministros se acham mais felizmente collocados, para dirigir os negocios geraes, e favorecer o crescimento da prosperidade do estado, de sua dignidade, de sua riqueza e poder; tanto a extensão mesma destas funções importantes lhes torna impossivel o exame detalhado dos interesses dos individuos, interesses minuciosos, e impereceptiveis, quando se comparam ao todo; e não menos sagrados, todavia, pois que elles comprehendem a vida, a liberdade, a segurança da innocencia. O cuidado d'esses interesses deve pois ser posto entre as mãos d'aquelles, que podem occupar-se d'elles nos tribunaes exclusivamente encarregados da indagação dos crimes, da verificação das queixas, da investigação dos delictos; nos tribunaes, que tem o necessario tempo, como devem, de aprofundar tudo, de pesar tudo em huma balança exacta; nos tribunaes, de que tal he a missão especial, e que só podem preencher-a. Eis como se exprime o eximio B. Constant!

A' vista, por tanto, das considerações, que acabamos de expender, he preciso tor perdido o ser de homem



para desejar trocar a liberdade pela escravidão, a igualdade pelo privilegio, a garantia da pessoa, e da propriedade, pelo arbitrio. Os foros de cidadão por cadeias e grilhões. Se hum progresso rapido nos pode precipitar, paremos; meditemos sobre a melhor marcha á seguir, melhoremos nossas instituições, e procuremos moralisar-mo-nos: — *Regressem para o inferno satanaz que nos trouxe o Regresso, elle e suas cohortes.* (Continuar-se-ha).

Pela morte do conego Francisco Vieira Goularte ficou vago o lugar de bibliotecario da livraria publica d'esta corte. As molestias, e a idade luctando de a muito tempo com este erudicto cidadão, o haviam de tal modo acabrunhado, que huma grande parte de sua antiga actividade tinha declinado, e n'estes ultimos annos principalmente ja não estava muito proprio para desempenhar o arduo, especial e delicado emprego, que o seu merecimento lhe havia grangeado. E na verdade inspecionar em todos os sentidos huma biblioteca publica, que por muito pequena, que seja, deve enserrar em si o universo das sciencias e das lettras, ter o maior cuidado em fazer que ella seja fornecida das obras mais necessarias, e uteis, ter conhecimento d'ellas e gosto para escolhê-las, são cousas bem difficeis de se encontrar reunidas e desempenhadas convenientemente por quem mal podia cuidar de seus soffrimentos; e he por isso que, segundo nos informam, falta naquella livraria não somente hum systema proprio, mas até ha huma grande deficiencia dos livros mais necessarios e procurados. Posto que cumpre ao governo prover n'estes casos da consignação annualmente votada pela assemblea para tal fim, contudo mister he que o empregado que está á testa de huma tal repartição, seja não só homem de muitas lettras, mas até incansavel, attento, e de hum tino pro-

prio para poder conhecer, e avaliar da necessidade e utilidade d'aquellas obras que se fazem mais dignas pelo seu valor e raridade, para exigil-as. N'este caso, ja não estando ultimamente o conego Goularte, o governo deo-lhe por ajudante o actual conego Silveira; nomeação esta, força he dize-lo, que a lei não permittia, e que nem mesmo acha desculpa na impotencia d'aquelle bibliotecario, mui principalmente quando se considera, que os seus medianos talentos e mediocre instrucção o afastavam para bem longe de tal emprego, em hum tão importante estabelecimento. Mas consta-nos agora que este senhor empenha-se com todas as forças para assumir á si o lugar vago, e que apresenta como documento bastante o ter trabalhado *fortemente* em certas eleições..... em pagamento do que, dizem, deo-se-lhe o lugar de ajudante; o que nós não acreditamos.

Não he este porem o unico pretendente. Lá apparece hum homem pouco conhecido por seos serviços, e tambem por seos talentos, que depois de ter passado pela metade de hum seculo de vida a habilitar-se em preparatorios, resolveo-se em fim a soffrer todos os dissabores d'hum triste *caloiro*, e foi sentar-se ainda nos bancos da eschola de direito em S. Paulo. Muito louvamos o espirito que obrigou a este Sr. ja em madura idade a dar hum passo de tanta honra, o qual nos revela o amor que elle tem ás sciencias sociaes e juridicas, e mui especialmente ao direito canonico em que, dizem, primara; pois que sem duvida sabia, que he habilitação bastante para poder pôr na cabeça a mitra do Apostolo! Mas seja em fim o que for; como este mundo he hum complexo de desenganos, o Sr. conego e agora tambem Dr. Marcellino dando de mão os seos malogrados planos, apresenta-se fazendo o papel de pretendente ao lugar de bibliotecario da livraria publica! Mas que differença vai



de hum Pastor da Igreja a hum simples *Guarda-livros*!!!!

O amor que consagramos á verdade, e ao merecimento obriga nos a pedir ao Sr. Dr. conego Marcelino, que apresente ao publico as habilitações, que tem para o emprego, posto que insignificante, para o qual he indigitado por alguem.

Pelo que temos dito, já se vê que o nosso voto, se o liveramos, não seria de certo para nenhum d'estes dous individuos; e como he licito em casos taes, e até convem para de certo modo orientar o governo em suas nomeações, e escolhas, que quasi sempre se guia por informações, nós ousamos chamar-lhe respeitosaente a attenção para hum homem excellentemente habilitado por muitos titulos para o lugar de bibliotecario da livraria publica. Queremos fallar do muito erudicto conego Januario da Cunha Barboza, lente de philosophia n'esta corte, e secretario perpetuo do instituto historico e geographico brasileiro. Sens eminentes talentos, sua erudicção vastissima não somente em litteratura, mas até em muitos outros ramos dos conhecimentos humanos, o collocão de direito no importante lugar de bibliotecario da livraria publica.

Muitos outros brasileiros distinctos ha que bem possam servir honrosamente este lugar; mas talvez que não seja muito facil achar quem por tantas razões reúna em si os votos de quasi todos os homens de lettras d'esta corte, que indigitam espontaneamente o Sr. conego Cunha Barboza como o mais proprio para este lugar. Não querendo nós aqui, por até não ser necessario, fazermos menção dos muitos e relevantes serviços, que á patria e ás lettras tem prestado este distincto Brasileiro sempre desinteressadamente e não ambicionando para si mais do que a gloria d'elles, mencionaremos com tudo para lhe ser tomado em linha

de conta, e como o mais proprio d'esta questão, o recente serviço, que elle acaba de prestar ao Brasil inteiro, com a fundação do instituto historico geographico brasileiro. Não precisa ser dotado de muito talento nem de grande instrucção para á primeira vista conhecer as vantagens, que resultam de hum estabelecimento tão honroso e necessario, quanto he novo e o primeiro na nossa patria! Isto porem que acabamos de dizer, he mais hum argumento em favor da admissão do Sr. conego Januario, ao lugar de bibliotecario da livraria publica; sim, porque estando ali o Sr. Cunha Barboza, facil lhe he salvar do esquecimento, da ruína, e da inutilidade os muitos, e preciosos documentos manuscriptos, e impressos que ali jazem, e que por ventura possam fazer, mui uteis e necessarios ao recente instituto historico, que de perto nos promette huma verdadeira e completa historia e corographia do Brasil, sobre o que nacionaes e estrangeiros tem ousado dizer o que a ignorancia, o pouco caso, e a maldade, ás vezes, lhes tem inspirado.

Confiamos demasiadamente nas luzes de sua Ex. o actual ministro do imperio, para suppor que elle não queira fazer justiça ao merecimento, chamando para junto da administração mais hum homem capaz de sustentá-la; fazendo d'esta arte esquecer passados resentimentos de partidos, e de opiniões politicas, sempre prejudiciaes á causa publica. As capacidades devem ter hum centro commun, e devem de unanime accordo trabalhar para a felicidade da patria, ameaçada agora principalmente por todos os angulos! O amor proprio fallia-nos sempre ao ouvido, e o homem de merecimento deve ser aproveitado, sem que se repere que elle venha offerecer-se, que isto seria demasiado, e mal entendido estoicismo.

Nós fazemos votos pela admissão do



7

Sr. Cunha Barboza, ao lugar de bibliotecario, porque estamos convencidos, que os seus multissimos prestimos, os seus talentos não ordinarios, as suas incansaveis fadigas litterarias nunca interrompidas por além de 30 annos, serão de muito proveito e honra para a biblioteca nacional, e para o instituto historico e geographico brasileiro, cuja instituição lhe devemos, e para o qual a assemblea houve por bem lançar suas illustradas vistas, consignando-lhe para sua despesa a quantia de 2:000\$ rs. annualmente; e o governo que ultimamente nomeou o Sr. Dr. Amaral, addido á legação de França para copiar documentos, que digam respeito ao Brasil, existentes nas bibliotecas da Europa, mostra que he illustrado, por proteger hum estabelecimento litterario, que honra aos protectores, aos fundadores, aos seus socios, e ao Brasil inteiro.

*Sum cuique.*

#### CORRESPONDENCIAS.

*Srs. Redactores.* Tendo vms. fallado sobre os destacamentos dos G. N. na corte, onde, entre coisas de mais, e tambem de menos, ha verdades provadas; e como se pode entender que algumas d'aquellas censuras irão ter, senão directa, ao menos indirectamente á pessoa do nosso mui digno patriota, e fluminense, o Exm. Sr. Francisco de Paula Vasconcellos, como commandante das armas; justo he que, dando lugar ás presentes linhas em sua folha, por ellas se saiba não ser S. Ex. culpado da demora dos 4, 6, e 8 mezes, que muitos guardas tem soffrido em seus destacamentos na corte, o que tam somente he devido, senão á empiria ao menos ao descuido ou condescendencia de muitos dos Designadores dos corpos da G. N. dos municipios de fora. Ora, não tendo vindo regularmente os destacamentos, o que deve fazer S. Ex.?

despachar os que ca se acham sem ter quem os renda? Isso fôra o mesmo que não haver disposição superior para que taes destacamentos se fizessem.

Não he nosso desejo negar o que com franqueza vms. esponderam no seu artigo, mas sim arredar, quanto possivel for, do nosso mui honrado commandante das armas, qualquer idea desfavoravel que á seu respeito se possa fazer. Publicando esta, Srs. Redactores, muito obrigarão ao seu patricio

*Fluminense Neutro.*

— Agradecendo ao nosso correspondente as explicações que acima se lêem, cumpre-nos todavia significar-lhe o pesar que nos ficaria se por ventura sobre S. Ex. o Sr. Paula Vasconcellos recahissem algumas das censuras do artigo do nosso segundo numero, por não ser nossa intenção nem levemente offendel-o. Lamentamos com tudo, que, por qualquer motivo que seja, se vejam os nossos lavradores na precisão de soffrer a dura pena de destacamentos fôra da lei, sem terem para isso contribuido. Torna-se por tanto ainda necessaria qualquer medida á este respeito, sem a qual não cessaremos de advogar huma tão justa causa.

*Srs. Redactores.* — Lendo na sua — *Olga* — n. 2, de segunda feira 19 do corrente mez de agosto as censuras por v. m. feitas acerca dos guardas nacionaes destacados n'esta corte, considerando o quanto ellas são injustas, resolvi-me para conhecimento da verdade manifestar-lhe tudo o que se ha passado á respeito, convidando-o mesmo á dirigir-se ao quartel do batalhão provisório, onde na qualidade de commandante, lhe ministrarei todos os documentos e informações tendentes á este objecto. Eu, Sr. Redactor, não quero tomar a defeza dos commissarios designadores posto que os que conheço são pessoas de honra, e de talento, e muito prudentes, e



os outros pelos seus cargos, e fortunas, me parecem estar nas mesmas circumstancias, e isto muito mais me convence quando vejo, que desde a creação d'este batalhão provisório até agora só tem vindo guardas com os requisitos da lei, á excepção de tres que os mesmos commissarios os tornarão a requisitar, julgo que por se terem enganado: quanto a não virem senão os pobres enganarão-lhe inteiramente. Sr. Redactor, pois que tem vindo para este batalhão muita gente que tem fazenda com mais de 60 escravos; acontecendo igualmente virem de Cabo-Frio homens casados, com filhos, por outros guardas, pelo que? pelo bom interesse que lhes fizerão os que foram designados. Não he exacta a proposição que o Sr. Redactor avançou quando disse, que se lhes lia diariamente o regulamento, o que só se pratica logo que elles chegam de seus districtos, explicando-se igualmente as suas obrigações para absterem-se do crime, em que podem cahir; tambem não he exacto o dizer-se que, se os officiaes dos destacamentos tem amigos, os destacados logo depois dos 2 mezes se retirão: os guardas nacionaes d'este batalhão são retirados quando rendidos por outros, e isto por antiguidade, e se alguns (que bem poucos tem sido) se tem retirado antes dos seus companheiros, he devido ás suas molestias, pois prejudicão ao serviço estarem doentes no quartel sem nada fazerem, e não obstante o bom tratamento que tem, prevalecem retirar-se ás suas casas. Sobre os guardas nacionaes de S. João, Araruama, Capivari, Cabo-Frio, Cantagallo &c. &c. que v. m. tanto lamenta o não haverem sido retirados por não terem por si as figuras que frequentão os salões; devo dizer, que de Cantagallo só vierão 12 desde a creação do batalhão, e presentemente nenhum existe, por se haverem retirado quando lhes pertenceo, e os dos outros districtos ainda não completarão os 2 mezes da ley. Relativamente

aos guardas que vão para o hospital, sei que são mui bem tratados pelos mui dignos facultativos os Srs. João Manoel, e Bandeira, e que nada lhes falta, sendo constantemente visitados pelo Exm. Sr. General, havendo de mais n'este batalhão huma enfermaria, mandada crear pelo mesmo Exm. Sr., para os vaccinados, os quaes neste mez tem chegado a 30, sendo tratados pelo bem conhecido, e habil professor, o Sr. Dr. Antonio Americo de Urzedo: e quanto ao actual hospital, me persuado não poder estar em melhor lugar, e casa, a qual, sendo dada para habitação dos Exms. Srs. commandantes das armas, o actual a cedeo para o dito fim, não só pela localidade em que se acha, como por ser arejada de todos os lados.

São estas, Sr. Redactor, as reflexões que tenho á fazer sobre tal objecto, rogando-lhe o obsequio de as fazer publicar pela sua imparcial folha, no que muito obrigará ao seu muito attento venerador — *José Soares da Costa Reis*, Tenente Coronel Commandante.

Rio de Janeiro 20 de Agosto de 1839.

— Nós louvamos o Illm. Sr. Tenente Coronel Commandante pela promptidão com que curou de sua defeza; e a prova de nossa imparcialidade está nas observações que ácima ficam, feitas á outra correspondencia que nos foi primeiro dirigida. Quando, nos paizes constitucionaes, as authoridades não menospresam as observações e as queixas da imprensa, ellas acham sempre a mesma imprensa sempre prompta a fazer-lhes justiça. Confiados nas razões ponderosas de S. S., nós esperamos, que se não nos dará occasião a tomar de novo a defeza d'aquelles á quem custa achar na corte huma voz imparcial que se erga para dar conta de seus soffrimentos. Resta-nos todavia o pesar de que o nosso 1.º artigo fosse considerado como censura ao Sr. General das Armas, á quem, aproveitando a occa-



sião, rendemos o sincero elogio que S. Ex. merece por ceder a optima casa que lhe foi destinada aos infelizes camaradas do sua nobre classe, como nos afirma o nosso correspondente. Voltaremos a este logar em occasiao opportuna.

**Sr. Redactor.**—Lemos huma nojenta adulação ao Sr. Neyler-Bey, mandada estampar no Jornal do Commercio de 12 de Agosto, por hum—*medico brasileiro*—Desejamos estar em dia com a urbanidade devida aos estrangeiros que vêm de passagem render soccorros aos nossos compatriotas desamparados e condemnados a uma eterna cegueira; mas como não queremos passar por caudatario, acolito, e sevandija, antes pelo contrario pretendemos demonstrar o justo zelo do Sr. Redactor da Revista Medica Fluminense, e a indignidade de alguns medicos brasileiros em soffrer os continuados vituperios que lhes lançam á cara todos os dias tantos aventureiros que aqui aportam, affiançados da nossa criminosa credulidade; por isso rogamos ao Sr. *medico brasileiro* que nos responda aos seguintes quesitos:

1.º Si o homem que se diz medico, fica por isso habilitado a correr o mundo sem prestar obediencia ás leis do paiz em que aporta?

2.º Si a Medicina é a sciencia do universo, qual a razão por que em algumas universidades da Europa se não confere ao estrangeiro diploma para exercer a arte medica, senão extra-muros?

3.º Si em Inglaterra, França e mesmo em os dominios do *Bey d'Argel*, o homem é considerado como medico, sem provar que está habilitado para exercer a arte medica?

4.º Si o abuso que tem havido em soffrer se no Brasil tantos charlatões, é argumento sufficiente para se dar fé a especuladores, que tudo promettem, e nada satisfazem?...

5.º Si o Sr. *medico brasileiro* chama charidade dar-se a vista a hum homem tirando se lhe os meios de poder subsistir, ou, tirar-se estes sem dar-se aquella?

6.º Si o Sr. *medico brasileiro* tem de uso não follar a enfermo sem que primeiro elle se tenha inscripto no livro da secretaria, pagando os competentes emolumentos?

Depois de termos ás respostas a estes quesitos, provaremos, Sr. Redactor, por meio da sua folha ou de qualquer outra, a vilania que péza sobre o medico brasileiro, que prostitue sua penna em accusar os seus compatriotas por que exigem das authoridades o cumprimento das leis do paiz, e por que não se arrastram ás rodas do carro da ignominia a que miseraveis charlatões se deixam amarrar para se darem o titulo de medico sob o rebuço de incognito. Seo apaixonado leitor

*Ganabará.*

**Sr. Redactor.**—Quando Saul vio-se em aperto fez evocar a alma de Samuel pela Pythonissa d'Endor: o Sr. Nayler-Bey, vendo-se apertado pela censura da *Revista Medica Fluminense*, fez evocar a alma do illustre Boyer pelo Pythonista, resuscita—mortos do *Jornal do Commercio*, que se diz *medico brasileiro*, e que, pela letra L. com que se assignou, julgo ser, ou chamar se *Louco, Lerdo, Lambisca, Limpa-botas, Lambedor*, ou cousa que o valha. Se aqui vierem, diz esse eruditissimo panegyrista do grande oculista anglo-egypcio, os Boyer, os Roux, os Astley-Cooper, os Alexander, havemos de sujeital-os a hum exame? Não lhe dê isso cuidado, Sr. L.. Se aqui vierem os Roux, e outros sabios e praticos insignes inda viventes, todos nós sabemos o que havemos de fazer: basta-nos sabermos, o lembremo-nos que elles não são cirurgiões ambulantes; que tem huma re-



putação universal; que ninguém duvida de seus títulos porque seu nome ainda he maior, e mais authentico do que estes, porque elle he illustrado e apregoado por livros classicos, e não por annuncios de gazetas, abonado, elogiado por sabios da primeira ordem, e não por criados, acolytos e outras nulidades *ejusdem furfuris*; em fim que elles não são Naylor-Beys. Se aqui vierem os Boyer, ou outros que como elle ja tenham morrido ha mais de 4 annos, ali temos muitos padres e frades para os exorcisar, e enxotar com psalmos e hysopadas essas almas do outro mundo que nada tem mais n'este a fazer, e que devem dormir tranquilas no silencio dos tumulos, á sombra da propria gloria, ou no seio da divindade como dizia hum bom christão. Ainda que a nossa religião condemne os que tem o espirito de Python, eu não tratarei ao Sr. L. á moda da Inquisição de gloriosa memoria: mas visto que elle tem esse espirito diabolico, dou-lhe o conselho de o aproveitar hum pouco melhor. Evoque o Sr. L. a alma de seo pae, ou de seo avó, a ver se com a authoridade e prudencia paterna lhe infundem hum pouco mais de juizo e vergonha para elle não dizer, e commetter asneiras, e não fazer n'este mundo hum papel tão triste, e tão ridiculo. Talvez que então elle honre mais os títulos de medico, e brasileiro que indignamente alardea, e que compromette altamente com escriptos imprudentissimos: talvez que então seja mais attencioso, e mais justo para com seus collegas e patricios aos quaes, com a sua *cegueira perpetua*, tracta mui frescamente de ignorantes e inhabeis, em quanto para elle o unico sabio e habilitoso he o Sr. Naylor, o vindo do oriente como El-Rei Melchior, mas que, em lugar de trazer ouro, só traz burra para o levar.

*Hum Amigo do Sr. L.*

*Sr. Redactor.*—A—ironia fora—do Monarchista n. 2, he tanto injusta, quanto he o jus que o Sr. José Correia de Souza tem a ser olhado com maior consideração. Seus serviços prestados á Independencia, que não foram esquecidos pelo Patriarcha d'ella, fallam mais alto do que as pequenas censuras de seus antagonistas. Oscr da —*terrinha*,— como se diz no Monarchista, não inibe a quem faz serviços importantes ao Imperio de ser contemplado na remuneração d'elles. Oh! se isso inhibisse, quantos seriam os excluidos! Rogo-lhe, Sr. Redactor, haja de publicar estas poucas regras de hum seo obrigado, e estudante,

*Brasileiro Nato.*

### PREGÃO.

Senhores da Faculdade de Medicina, não vos canceis mais, Ide plantar aboboras, que a isto vos condena a Camara Municipal. O sulfato de quinine e o azougue são *drasticos*, e vós o não sabíeis!... Os arbustos do Brasil são *remedias mysteriosos*; suas virtudes não foram ainda penetradas pela escassez dos vossos fracos conhecimentos! Vossos doentes *esgotam os vasos botanicos*, *degracam suas gavetas*, e é o mesmo que *malhar em ferro frio*!... E, pelo que? Por que vossos remedios são *derrogantes*!... *dixit JUDICE!*\*. Oh Panacéa, tu sim, hes a fonte da saude publica; tu curas o *tisico* que tem *somma de galico*; os *cancros venericos* fogem apenas te lombrigam; as *dones rheumaticas*, *inchacoes*, *inflamações*, e *desamparos da natureza*, cedem á *mysteriosa Panacéa*; a boca do estomago *cala-se com meio quartilho de xarope de JUDICE*, e os CEGOS recobram vista!.. Oh Panacéa, tu hes o extracto da quinta essencia dos mysterios incomprehensíveis; tu só, Panacéa, podes desputar á direita do Bey! Ah! Por que occultas te conservas? Vai, oh Panacéa,

\* — Disse o Judas. (Tradução litteral).



exercer os seus prodígios no cemitério do Cajá; arranca das vallas os que para lá tem ido, e continua a dizer: « eu tenho arrancado da sepultura as victimas dos remedios descobertos na medicina. Graças! Graças á Camara Municipal! »

G \* \* o Charlatão.

#### ORTIGADAS.

—O Mello diz por toda parte, que se o demittirem por causa das contas (oh que contas!), protesta metlar a tanta gente, que hade tornar para o posto, applaudido pela triplice bateria da ordem...

—Diz-se que os patriotas Vereadores da Camara Municipal vão demittir o actual Contador por glosar as contas do Mello, assim como expulsaram de seo seio o Sr. Menezes de Droumont. Então, Sr. Menezes, he bico ou cabeça?!... Ah! ah! ah! ah!...

—O Sr. Gomes de Campos sustenta que a Camara Municipal não hade dar contas, por que deve ser o quinto poder do Imperio, e por que elle ja a presidio 4 annos, e espera ainda presidil-a. Mas he do que Deos o hade livrar!!

—Pergunta-se á S. S. da Dictadura legal (por que tem que perder), se caso passasse esse principio, isto he, —esquecer-se a constituição, e adiar-se as sessões das camaras, durante a menoridade do Monarcha, —quereria S. S. ser o Dictador?

—Em 30 de Julho de 1832, quando se queria o golpe de estado, chamava-se isso — Republica, para afugentar os Portuguezes. Em Agosto de 1839, que se quer a mesma cousa, chama-se Dictadura Legal, para engambellar os tolos. Vejam como são expertos e in-politicos os nossos homens!!

—Dizem que o Cavalheiro a quem pertencia a Dama, desfoiteada no Soirée-ministerial, desafiara ao Sr. Pereira da Silva por tel-a abandonado no

meio de huma sala, quando foi mandado retirar. O Sr. Pereira da Silva, em satisfação disso, dizem, que desafiara ao Sr. Candido Baptista, e que S. Ex. pedira perdão de não aceitar o desafio, por ter dado demissão, em consequencia de saber que não he contemplado, pelo Sr. Clemente Pereira, para o ministerio, que S. S. foi engajado a organizar. Quão velozmente passa o meteóro!!

—Perguntando-se a certo Conde, cuja cabeça pesava menos que a Lage, a razão porque se fallava tanto em mudança de ministerio; consta que S. Ex. respondera: — Sempre isto me acontece, tanto, que ja me chamam o — Coqueiro dos Ministros!

—Quem quizer dar cem contos de réis á risco, para recebê-los sem risco em carregamentos de pão brasil, na cidade de Cabo-frio, annuncie em quanto he tempo pelo correio official.

—O Sr. L... do consulado diz em todos os logares publicos, onde se apresenta, que o Jury restituiu-lhe a honra. — A honra? A liberdade!!!

—Disse hum illustrado estrangeiro: — Nunca vi tres teimas, como: — a do Sr. Lages em ser ministro; a do Sr. Du Pin em procurar casamento; e a do Sr. Lucas em pregar sermões!

—Perguntando-se a certo jurado porque não cumprira a lei, achando criminalidade nos réos do thesouro, S. S. respondeo: — assim fôra eu tolo em fazer tamanha censura ás camaras, que ainda não cumpriram a lei da responsabilidade dos ministros.

—Theze: — 1.º são conhecedores da sciencia os Srs. que assignaram o nós ábaixo do Sr. Naylor Bey? 2.º Sabiam ja, no 1.º de Agosto, si as operações praticadas por esse Sr. seriam coroadas de feliz successo; 3.º Tinham por ventura factos que provassem que os nossos oculistas não eram habéis, senão mais,



ao menostanto como o Sr. Naylor Bey?  
4.º Serão elles os responsaveis pelos  
desacertos e máos resultados das opera-  
ções do Sr. Naylor, que já começam a  
se divulgar? 5.º Tinha a maior parte  
desses Srs. factos em que se baseassem  
a fim de não comprometterem suas assi-  
gnaturas, e com ellas os passientes que  
levados desse *pamphlet* se forem infeliz-  
mente ainda subinetter ao Sr. Naylor?  
— Não! Não! e Não!!!

*Conclusão* — Segue-se pois, que foi —  
*obra de encomenda.*

— O Sr. Feijo de 32, na sessão do  
senado de 39, propoz em seo projecto

Que o decreto *apantado*  
Do *queixoso* e do *queixado*

de 18 de Março de 1856 tomasse, d'ora  
em diante, *força e rigor...*

*Algumas vozes* — Qual vigor, nem  
pera vigor!!!

— Querendo certo orador sustentar  
a necessidade da *dictadura legal* — ex-  
clamou com emphase — Srs., he ne-  
cessario cortar bem rente os *prejuizos*  
*nacionaes*. Quereis o exemplo? em mim  
otendes: — Olhai para a minha cabeça!!

— Perguntando-se a certos *representantes*  
*fleumaticos* de 38 e 39 a razão  
por que só se occupavam em dizer a  
partes a seos collegas oradores; — res-  
ponderam — He para que os jornaes  
levem ás nossas provincias os nossos  
nomes em letras redondas, huma vez  
que não mencionam os d'aquelles que  
dizem — *apoiado* — apoiado, minha  
gente!

— Admirando-se hum espectador de  
que alguns Srs. *Municipalistas* brigas-  
sem furiosos a ponto de se *descomporem*  
como huns doudos; respondeo outro  
com muita graça: assim estavam elles  
quando fizeram as *in-posturas*!

— Dizem que, em consequencia da  
intensidade do nosso inverno, o mus-  
culo frontal supplicou á *aponevrose*  
*epicranica* protecção contra tão forte

inimigo; e que esta, muito sua amiga,  
para o servir se desdobrou em duas fo-  
lhas, as quaes envolveram o musculo,  
até que passe o frio; ficando assim o tal  
musculosinho — deitado, e bem co-  
berto!! Olhem que mandrião!!

Extrahido da ultima edição de par-  
voices do *Dominginhos*.

#### ORTIGAS DIPLOMATICAS.

P. Quanto importaria o leilão do  
Consul geral de Portugal?

R. O Sr. Figanière, que servio de  
caixeiro do Frederico Guilherme, ainda  
não sommou a conta.

P. Será verdade que o Sr. Figaniè-  
re exigio que se dêsse busca na casa  
do seu antecessor?

R. Sim: por que sem isso, não po-  
dia fazer jus aos emolumentos do Con-  
sulado!

— Perguntando-se ao Sr. Figanière  
de que côr era a libré do seu lacain, res-  
pondeo: — a côr de *lesma* he a libré de  
familia.

— Em o leilão do Sr. J. B. Moreira,  
appareceram o busto do Duque de Bra-  
gança, e o da Rainha de Portugal.  
aqui gritou o Sr. Figanière: eu quer  
as bustas; dous mil réis por ellas. Ou-  
vio-se logo a voz d'hum Brasileiro: trinta  
mil réis por cada hum! O Sr. Figanière,  
benzeo-se, tomou nota, e escondeo-se.

P. S. Srs. Redactores. Consta, que  
S. Ex. o ministro da justiça, á vista da  
bem desenvolvida, justa, e excellente in-  
formação dada pelo digno procurador  
da coroa o Sr. Maia, á favor do Sr. Dr.  
José Mauricio, acaba de mandar empos-  
sar este Sr. no lugar que lhe compete;  
decisão esta que o publico esperava para  
louvar a rectidão de S. Ex., rectidão  
de justiça, tão propria quão natural na  
Família dos nossos illustres Cavalcantis.

Apressa-se, Srs. Redactores, a dar-  
lhes esta nova, sem que todavia a confir-  
me, o seo leitor

Pernambucano.